



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 13 de fevereiro de 2022

[Multimídia]

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No centro do Evangelho da Liturgia de hoje estão as Bem-aventuranças (cf. *Lc* 6, 20-23). É interessante notar que Jesus, apesar de estar rodeado por uma grande multidão, proclama-as dirigindo-se «aos seus discípulos» (v. 20). Fala aos discípulos. Com efeito, as Bem-aventuranças definem a identidade do discípulo de Jesus. Podem parecer estranhas, quase incompreensíveis para aqueles que não são discípulos, mas se nos perguntarmos como é um discípulo de Jesus, a resposta é precisamente as Bem-aventuranças. Vejamos a primeira, que é a base de todas as outras: «Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o Reino de Deus!» (v. 20). *Bem-aventurados vós, pobres*. Jesus diz duas coisas sobre os seus: que são bem-aventurados e que são pobres; aliás, que são bem-aventurados porque são pobres.

Em que sentido? No sentido em que o discípulo de Jesus não encontra a sua alegria no dinheiro, no poder nem sequer noutros bens materiais, mas nos dons que recebe todos os dias de Deus: vida, criação, irmãos e irmãs, e assim por diante. São dádivas da vida. Também os bens que possui, é feliz de os partilhar, porque vive na lógica de Deus. E qual é a lógica de Deus? A gratuidade. O discípulo aprendeu a viver na gratuidade. Esta pobreza é também uma atitude em relação ao sentido da vida, porque o discípulo de Jesus não pensa que a possui, que já sabe tudo, mas sabe que deve aprender todos os dias. E esta é a pobreza: a consciência de ter de aprender todos os dias. O discípulo de Jesus, dado que assume esta atitude, é uma pessoa humilde, aberta, livre dos preconceitos e da rigidez.

Houve um belo exemplo no Evangelho do domingo passado: Simão Pedro, pescador experiente, aceita o convite de Jesus para lançar as suas redes a uma hora insólita; e depois, cheio de admiração com a pesca prodigiosa, deixa o barco e todos os seus bens para seguir o Senhor. Pedro revela-se dócil ao deixar tudo, tornando-se assim um discípulo. Por outro lado, aqueles que estão demasiado apegados às próprias ideias e certezas, quase nunca seguem realmente Jesus. Eles seguem-no um pouco, apenas naquilo em que “concordam com Ele é que Ele concorda comigo”, mas depois, quanto ao resto, não está bem. Este não é um discípulo. E assim cai na tristeza. Fica triste porque não é exatamente como ele quer, a realidade escapa aos seus esquemas mentais e fica insatisfeito. O discípulo, por outro lado, sabe como questionar-se, como procurar humildemente Deus todos os dias, e isto permite-lhe mergulhar na realidade, apreendendo a sua riqueza e complexidade.

Por outras palavras, o discípulo aceita o *paradoxo das Bem-aventuranças*: elas declaram são que bem-aventurados, isto é, felizes, aqueles que são pobres, que carecem de muitas coisas e reconhecem-no. Humanamente, somos levados a pensar de outra forma: é feliz quem é rico, quem está cheio de bens, quem recebe aplausos e é invejado por muitos, aquele que tem toda a segurança. Mas isto é pensamento mundano, não é o pensamento das Bem-aventuranças! Jesus, pelo contrário, declara o sucesso mundano como um fracasso, porque se baseia num egoísmo que enche e depois deixa o coração vazio. Confrontado com o paradoxo das Bem-aventuranças, o discípulo deixa-se desafiar, consciente de que não é Deus que deve entrar na nossa lógica, mas nós na Sua. Isto requer um caminho, por vezes cansativo, mas sempre acompanhado de alegria. Porque o discípulo de Jesus é alegre com a alegria que lhe vem de Jesus. Pois, lembremo-nos, a primeira palavra que Jesus diz é: *bem-aventurados*; isto origina as Bem-aventuranças. Este é o sinónimo de ser um discípulo de Jesus. O Senhor, ao libertar-nos da escravidão do egocentrismo, liberta os nossos fechamentos, dissolve a nossa dureza, e abre-nos à verdadeira felicidade, que muitas vezes se encontra onde não pensamos. É Ele quem guia as nossas vidas, não nós, com os nossos preconceitos ou as nossas necessidades. Por fim, o discípulo é aquele que se deixa guiar por Jesus, que abre o coração a Jesus, que o ouve e segue o seu caminho.

Podemos então perguntar-nos: eu – cada um de nós – tenho a disponibilidade do discípulo? Ou comporto-me com a rigidez de alguém que se sente no lugar certo, que se sente bem, que sente que já alcançou o que queria? Será que me deixo “escavar dentro” pelo paradoxo das Bem-aventuranças, ou permaneço no perímetro das minhas ideias? E então, com a lógica das Bem-aventuranças, para além dos trabalhos e dificuldades, será que sinto a alegria de seguir Jesus? Esta é a característica saliente do discípulo: a alegria do coração. Não esqueçamos: a alegria do coração. Esta é a referência para saber se uma pessoa é discípula: tem alegria no coração? Tenho alegria no coração? Este é o ponto.

Que Nossa Senhora, primeira discípula do Senhor, nos ajude a viver como discípulos abertos e alegres.

Depois do Angelus

Estimados irmãos e irmãs!

As notícias que chegam da Ucrânia são muito preocupantes. Confio à intercessão da Virgem Maria e à consciência dos líderes políticos todos os esforços em prol da paz. Rezemos em silêncio.

Saúdo de coração todos vós, romanos e peregrinos provenientes da Itália e de vários países.

Em particular, saúdo os fiéis do Funchal e Estreito de Câmara de Lobos, na Ilha da Madeira, Portugal; bem como os de Perugia e Catanzaro.

Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.